

SERRAVES
MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Português English



VERA MOTA

SEM CORPO / DISEMBODIED

EXPOSIÇÃO **EXHIBITION**

Produzida pela Fundação de Serralves - Museu de Arte Contemporânea, Porto em estreita colaboração com a artista, a exposição tem curadoria de Filipa Loureiro.

Produced by the Serralves Foundation - Museum of Contemporary Art, Porto in close collaboration with the artist, the exhibition is curated by Filipa Loureiro.

AGRADECIMENTOS **ACKNOWLEDGEMENTS**

A artista gostaria de expressar o seu agradecimento à Galeria Bruno Múrias (Lisboa), Galeria Pedro Oliveira (Porto) e Galeria L21 (Palma, ES). O seu agradecimento estende-se ainda a Paulo Pittela, ao INEGI, nomeadamente a Domingos Moreira e à sua equipa.

The artist would like to thank Galeria Bruno Múrias, Lisbon, Galeria Pedro Oliveira, Porto and L2 Gallery, Mallorca. She would also like to express her thanks to Paulo Pittela, and INEGI, in particular Domingos Moreira and his team.

VERA MOTA **SEM CORPO / DISEMBODIED**

Com um percurso reflexivo e singular, Vera Mota (Porto, 1982) tem vindo a desenvolver o seu trabalho em torno das políticas do corpo, promovendo e equacionando a sua participação enquanto metodologia generativa e eixo para formulações conceptuais. Na sua prática artística, com uma forte componente material, recorre sobretudo à escultura, desenho e performance, usufruindo da amplitude e permeabilidade que estas disciplinas oferecem.

Num processo em que o corpo se afirma como agente quase sempre indispensável, imprimindo os seus gestos e trânsitos, a performance emerge como meio vital de produção, composição ou mesmo encenação. Ao conceder especial atenção à economia da presença, do esforço e da ação, a artista propõe no seu trabalho sucessivos exercícios de reposicionamento do corpo, sujeitando-o por vezes a processos de erosão quase completa das suas características. Prescinde da sua evidência, mas não deixa de o implicar. Assumindo um animismo escultórico e reclamando outras perspetivas de corpo e materialidades, Vera Mota reavalia modos de representação, e propõe estratégias e procedimentos de desqualificação, transferência ou transfiguração – de formas, estatuto ou funções – entre corpos ou as partes que o compõem.

Nos últimos anos, as estratégias de escrutínio e politização do corpo sofreram uma transformação gradual na sua prática artística. O corpo foi assumindo diferentes papéis, reconfigurou-se. Do corpo participante, operário, que investe nas ações programadas das suas

performances, ao desmembramento e síntese das suas partes. O corpo surge cristalizado em representações e traços antropomórficos, mineralizado, metalizado, em esculturas que promovem uma troca entre corpos biológicos e geológicos, orgânicos e inorgânicos. As exposições *Levar a cabeça aos pés* (2018) e *Ventriloquismo* (2021) invocam esses processos de inversão ou transferência, aos quais a artista dá continuidade aqui.

SEM CORPO / DISEMBODIED, a primeira exposição da artista em contexto museológico, propõe um diálogo permanente e tenso entre desenho e escultura, apresentando um conjunto de novas obras concebidas especificamente para este momento. O desenho é aqui indício de um exercício claro e contido do corpo. Vemos repetido o mesmo gesto em intervalos regulares com uma assumida cadência e ritmo, numa espécie de ritual ou ensaio coreográfico que podemos adivinhar, e do qual nascem configurações orgânicas, quase corpóreas que se expandem na superfície da folha, da frente ao verso. Numa reminiscência da coluna vertebral ou garganta, revelam-se organismos, formas instáveis, como seres em permanente mutação. Estes desenhos, de grandes dimensões, surgem como partituras que registam um intervalo de tempo e a participação física de um corpo agora ausente. Desvelam a sequência de gestos da artista na sua ação sobre a folha de papel. Cada um destes desenhos é uma recorrência do anterior e enunciam entre si uma semelhança transgressiva, transportam-nos para o que Deleuze descreve como uma repetição da diferença: “Repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente.”¹

¹ Gilles Deleuze; *Diferença e Repetição*, Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

Os trabalhos que Vera Mota nos apresenta colocam frequentemente o espectador num lugar semelhante ao que a própria artista ocupa quando compõe as suas obras, um lugar de embate e resistência do corpo com os materiais, a sua escala, o seu peso. Um lugar simultaneamente de grande proximidade e afastamento, que lhe permite fazer uma edição rigorosa do que dar a ver. Como que das mãos para a cabeça, a exposição continua, do desenho para um outro meio, a escultura. Recipiente do cérebro e zona onde se alojam a maior parte dos órgãos dos sentidos, a cabeça é o “órgão das trocas”, como se refere Deleuze, o lugar das transferências de tudo o que fazemos, registando e articulando uma interminável tensão entre distintos sinais e respostas.

Desde os primórdios dos tempos, a cabeça tem ocupado um lugar de privilégio nas hierarquias do corpo, protagonizando representações nos mais distintos contextos, de carácter simbólico a científico, do ex-voto ao retrato ou estudo anatómico. Surge tanto em reproduções de tradições pagãs, como no ideário cristão, seja em passagens bíblicas – a cabeça do gigante Golias ou de S. João Baptista –, ou nas referências mitológicas – a cabeça de Medusa. Do modernismo à atualidade, vários artistas desafiaram os limites tradicionais da representação da *cabeça*, transgredindo convenções formais, inventaram rostos ainda não vistos. De Brancusi a Camille Henrot, de Gerhard Richter a Cindy Sherman, assistimos a distintos processos de apagamento e desfiguração. Tal é a operação que podemos observar perante a escultura que Vera Mota nos apresenta. A oposição entre a cabeça e os pés, entre a cabeça e as mãos, é tema recorrente no seu trabalho, convocando uma inversão as

suas posições, corrompendo as suas qualidades ou funções, deformando-os e decompondo-os, num exercício próximo do *informe* de que nos fala Bataille em “Le gros orteil”² (1929). Esse grande dedo do pé é aqui uma grande cabeça, *alta* mas que se *esmaga* pelo seu peso contra o chão.

Esta *Cabeça sem corpo*, como um monólito que despersonaliza a figura, de traços apagados, é uma cabeça tornada corpo inteiro. Fundida em bronze e de dimensões que a afastam de uma escala familiar, este objeto quase monumental, dispensa o plinto e apresenta-se no chão. Nas palavras da artista, “dizer que *não tem corpo* é mais do que a descrição literal do que é este objeto, é precisamente negar à partida parte do que o qualifica como cabeça.” Esta escultura remete-nos simultaneamente para um sentimento de familiaridade e estranheza, podemos reconhecê-la enquanto sabemos que não o é totalmente. Feita de bronze, o seu peso importa tanto como a sua forma.

Enquanto decorria o processo de produção desta escultura, os enigmáticos monólitos Moai da ilha de Páscoa, no Chile, construídos por volta de 1300, foram atingidos por um devastador incêndio. A notícia transportou-nos de imediato, no tempo e no espaço, para estas cabeças proeminentes e de rosto solene. Se para muitos investigadores as Moai são recetáculos religiosos onde repousam os espíritos dos antigos líderes da Civilização Rapa Nui, o que nos pode revelar esta cabeça de Vera Mota, poderá ela tornar-se também um recetáculo? Qual o estatuto que reclama para a figura, num momento, em que transita permanentemente entre novos protocolos e significados,

² Georges Bataille, “Le gros orteil”, in *Documents*, n.º 6, novembro de 1929.

esvaziando-se a cada reprodução?

SEM CORPO / DISEMBODIED sugere-nos o confronto entre um corpo que ali não está, e cuja deambulação se gravou nas impressões que impregnam a fragilidade do papel, e a forma sólida de uma *Cabeça sem corpo*. Ambos confrontam agora o corpo do espectador, convidado a fazer parte deste lugar de transitoriedade entre distintas materialidades e permanências.

SOBRE A ARTISTA

Vera Mota (1982), vive e trabalha no Porto. Licenciou-se em Artes Plásticas - Escultura, pela Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto. Em 2008 conclui, na mesma instituição, o mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas.

Apresentando trabalho desde 2003, das suas mais recentes exposições individuais destacam-se: *From Within the Midst of Things*, L21 Gallery, Palma (ES), 2022; *Ventriloquismo*, Galeria Bruno Múrias, Lisboa, 2021; *Levar a cabeça aos pés*, Galeria Pedro Cera, Lisboa; *Músculo*, Galeria Pedro Oliveira, Porto, 2018; *Mergulho*, Galeria Pedro Cera, Lisboa, 2015.

Das performances realizadas destacam-se *Curva Contínua*, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto; *Head*, EVA International Ireland's Biennial, Limerick (IE), 2018; *What Is the Color When Black Is Burned?*, SESC Belenzinho, São Paulo, (BR), 2014.

A sua obra está representada na Coleção de Arte Contemporânea do Estado Português; na Coleção António Cachola - MACE / Elvas; na Coleção Ilídio Pinho / Porto; no Centro de Arte Oliva - Coleção

Norlinda e José Lima / S. João da Madeira; na Coleção PLMJ / Lisboa e na Coleção Maria e Armando Cabral / Lisboa.

OBRAS EM EXPOSIÇÃO

Vera Mota

Sem Título, 2022

Óleo sobre papel

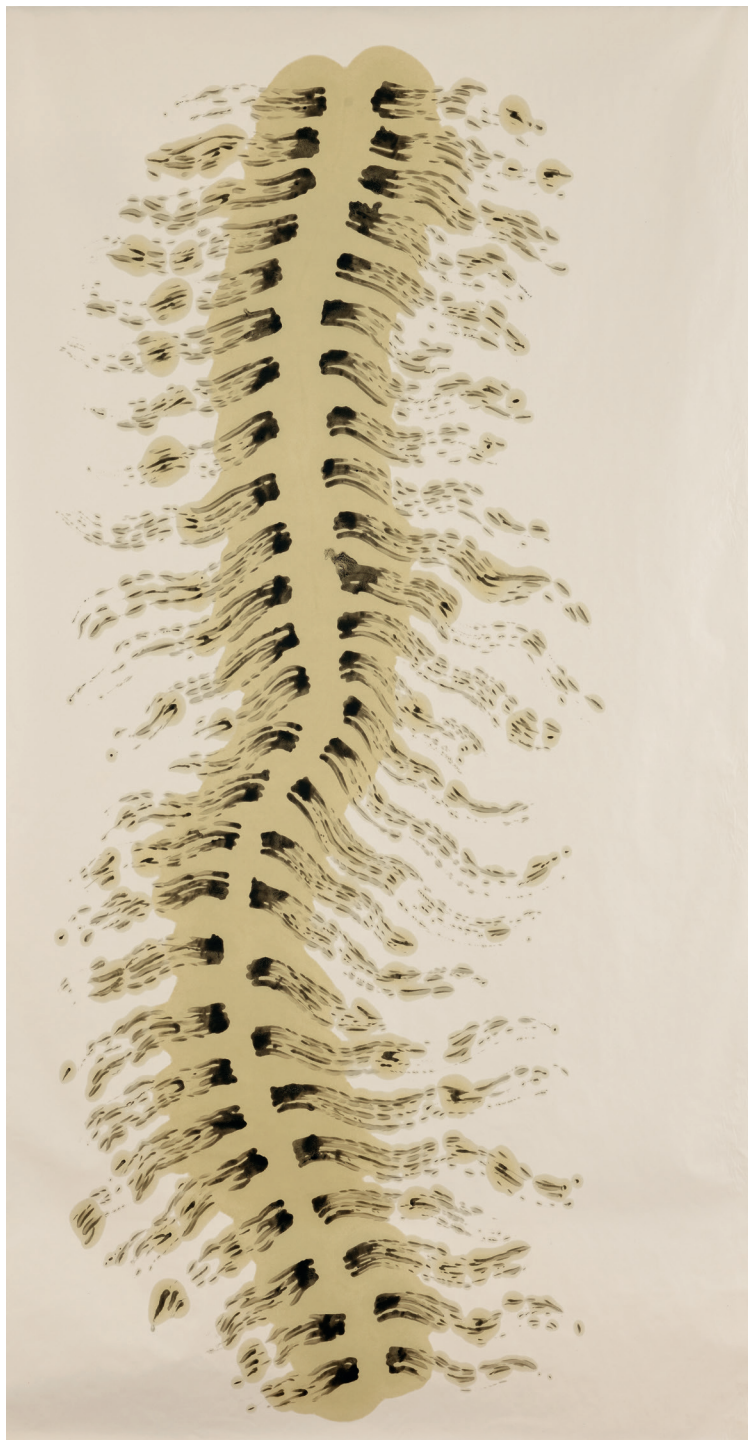
Cortesia da artista e das Galerias Bruno Múrias, Lisboa e Pedro Oliveira, Porto

Vera Mota

Cabeça sem corpo, 2022

Bronze

Cortesia da artista e da Galeria Bruno Múrias, Lisboa



Sem Título Untitled, 2022
Óleo sobre papel
Oil on paper
Fotografia Photo:
Filipe Braga

VERA MOTA **DISEMBODIED**

Vera Mota (Porto, 1982) has pursued a unique and reflective career, in which she had explored the politics of the body, promoting and considering the body's participation as a generative methodology and an axis for conceptual formulations. Her artistic practice involves a strong material component. Primarily working in the fields of sculpture, drawing and performance, she takes advantage of the breadth and permeability offered by these disciplines.

Her use of performance becomes a vital means of production, composition or even staging - in a process in which the body asserts itself as an agent that is almost always indispensable - imprinting its gestures and transits upon itself. Placing special attention on the economy of presence, effort and action, Vera Mota proposes successive exercises to reposition the body within her work, sometimes subjecting it to processes of almost complete erosion of its characteristics, in which she foregoes its material evidence, but nonetheless implicates it. Assuming sculptural animism and claiming other perspectives of the body and materiality, Vera Mota re-evaluates different modes of representation, proposing strategies and procedures for disqualification, the transfer or transfiguration of forms, status or functions, between bodies, or their constituent parts.

Over recent years, her strategies of scrutiny and politicisation of the body have undergone a gradual transformation within her artistic practice. The body has progressively assumed different roles and reconfigured itself. It has evolved from the

participating, working body, invested in the programmed actions of her performances, to the dismemberment and synthesis of its constituent parts. The body now appears as something that is crystallised in anthropomorphic, mineralised and metallized representations, in sculptures that foster exchanges between biological and geological, organic and inorganic bodies. The exhibitions *Levar a cabeça aos pés* (2018) and *Ventriloquism* (2021) invoke these processes of inversion or transference, which the artist continues herein.

DISEMBODIED - the artist's first exhibition in a museum context - proposes a permanent and tense dialogue between drawing and sculpture, in which she presents a set of new works conceived specifically to this moment. In this context, drawing is an indication of a clear and restrained exercise of the body. The same gesture is repeated at regular intervals with an assumed cadence and rhythm, in an almost ritual or choreographic rehearsal that we can foresee, and from which organic, almost corporeal configurations are born, that expand to the entire surface of the page, from front to back. Various organisms and unstable forms are revealed, reminiscent of the spine or throat, as beings in permanent mutation. These large-scale drawings appear as musical scores that record a specific interval in time and the physical participation of a now absent body. The drawings reveal the artist's sequence of gestures on the sheet of paper. Each drawing is a recurrence of the previous drawing and enunciates a transgressive similarity with the other drawings, transporting us to what Deleuze describes as a repetition of difference: "To repeat is to behave in a certain manner, but in relation to something

unique or singular which has no equal or equivalent.”¹

These works by Vera Mota often place the spectator in a position similar to that which she herself occupies when she is composing her works – a position of confrontation and resistance of the body in relation to materials, and their scale and weight. This is a position of simultaneous proximity and remoteness, which enables the spectator to rigorously edit that which he or she observes. Following a movement from hands to the head, the exhibition continues from the drawing to another medium, the sculpture.

The head is the “organ of exchanges”, to cite Deleuze. It is the receptacle of the brain and an area that houses most of the sense organs, the place where everything we do is transferred, thereby registering and articulating an endless tension between various signals and answers. The head has occupied a privileged place in the hierarchies of the body since the dawn of time. It appears in a wide array of different representations, from the symbolic to the scientific, from *ex-voto* offerings, to portraits, or anatomical studies. It appears in reproductions of pagan traditions and also in Christian ideas, whether in biblical passages – the head of the giant Goliath or the head of St. John the Baptist – or in mythological references – the head of Medusa. From modernism to the present day, various artists have challenged the traditional limits of representation of the head, transgressing formal conventions, inventing faces that have yet to be seen. From Brancusi to Camille Henrot, from Gerhard Richter to Cindy Sherman, we witness different processes of erasure

and disfiguration. We observe a similar operation when we observe the sculpture that Vera Mota presents to us. The opposition between the head and the feet, between the head and the hands, is a recurring theme throughout the artist work, fostering an inversion of their positions, corrupting their qualities, or functions, deforming and decomposing them, in an exercise that is close to the *informe* (formless) that Bataille described in “Le gros orteil”² (1929). In this case, the big toe is a big head, elevated high but crushed by its weight against the ground.

This disembodied head, like a monolith that depersonifies the figure, with erased features, is a head that has become an entire body. Cast in bronze and with dimensions that distance it from a familiar scale, this almost monumental object, dispenses the need for a plinth and is presented on the floor. Vera Mota remarks: “to say that it has no body is more than a literal description of what this object is, it is precisely to deny part of what qualifies it as a head.” This sculpture simultaneously conveys a sensation of familiarity and strangeness. We can recognise the head, even though we know that it is incomplete. Made of bronze, its weight is as important as its shape.

While Vera Mota was making this sculpture, the enigmatic *Moai* monolithic human figures on Easter Island, Chile, built in around 1300, suffered a devastating fire. The news of this event immediately transported us – in time and space – to these prominent heads, with their solemn faces. Given that many researchers consider that the *Moai* are religious vessels, that store

¹ Gilles Deleuze, *Difference and Repetition*, NY: Columbia University Press, 1994.

² Georges Bataille, “Le gros orteil”, in *Documents*, no. 6, november 1929.

the spirits of the ancient leaders of the Rapa Nui civilisation, what can this head of Vera Mota reveal to us? Could it also become a receptacle? What is the status attributed by the artist to the figure when it constantly oscillates between new protocols and meanings, fostering its emptying, with each reproduction?

DISEMBODIED suggests the confrontation between a body that is no longer there, and whose wandering is engraved in the impressions that impregnate the fragility of the paper, and the solid form of a head without a body. Both now confront the body of the spectator, who is invited to be part of this place of transience between different materialities and permanences.

ABOUT THE ARTIST

Vera Mota (1982) lives and works in Porto. She holds a BA degree in Fine Arts - Sculpture, from the Faculty of Fine Arts, University of Porto. In 2008, she concluded, in the same institution, the master's degree in Contemporary Artistic Practices.

She has been presenting her work since 2003, and her recent solo exhibitions include: *From Within the Midst of Things*, L21 Gallery, Palma (ES), 2022; *Ventriloquismo*, Galeria Bruno Múrias, Lisbon, 2021; *Levar a cabeça aos pés*, Galeria Pedro Cera, Lisbon; *Músculo*, Galeria Pedro Oliveira, Porto, 2018; *Mergulho*, Galeria Pedro Cera, Lisbon, 2015.

Her recent performances include *Curva Contínua*, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto; *Head*, EVA International Ireland's Biennial, Limerick (IE), 2018; *What Is the Color When Black Is Burned?*, SESC Belenzinho, São Paulo, (BR), 2014.

Her works are represented in the Portuguese State's Contemporary Art Collection (CACE); in the António Cachola Collection - MACE / Elvas; in the Ilídio Pinho Collection / Porto; in the Oliva Art Centre - Norlinda Collection and José Lima / S. João da Madeira; in the PLMJ Collection / Lisbon and in the Maria and Armando Cabral collection / Lisbon.

WORKS IN THE EXHIBITION

Vera Mota

Untitled (Disembodied), 2022

Series drawing of oil on paper

Courtesy of the Artist and the Galeria Bruno Múrias, Lisbon and Galeria Pedro Oliveira, Porto

Vera Mota

Disembodied Head, 2022

Bronze

Courtesy of the Artist and the Galeria Bruno Múrias, Lisbon

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias. Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h - 13h e 14h30 - 17h)
Minimum two-week advance booking is required.
For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 am - 1 pm and 2.30 pm - 5.00 pm)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta direct line): 22 615 65 00
Tel: 22 615 65 46

Marcações online em Online booking at www.serralves.pt

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

loja.online@serralves.pt
www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated with one of the most beautiful views over the Park.

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo citadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

INFORMAÇÕES E HORÁRIOS: INFORMATIONS AND OPENING HOURS:

www.serralves.pt/visitar-serralves/


Fundação de Serralves
Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto - Portugal

serralves@serralves.pt


Geral General line:
(+ 351) 808 200 543
(+ 351) 226 156 500

www.serralves.pt

 [/fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.facebook.com/fundacaoserralves)

 [/fundacaoserralves](https://www.youtube.com/fundacaoserralves)

 [/serralves](https://twitter.com/serralves)

Apoio institucional
Institutional support



 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**
CULTURA

Mecenas da Exposição
Sponsor of the Exhibition

NORS

Mecenas do Museu
Sponsor of the Museum

